



# NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE DO IFSP

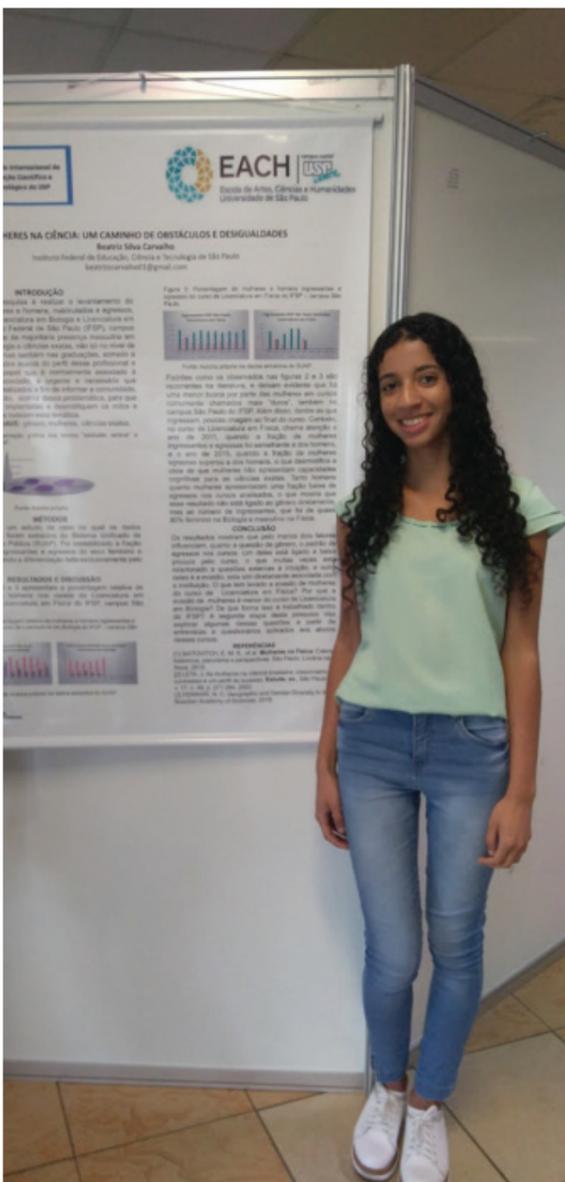
## QUEM SOMOS

O Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (NUGS), é formado por docentes, técnicos e estudantes. Nossa atuação visa ao combate à violência e à discriminação de gênero. Nossos principais objetivos são promover ações que garantam uma educação inclusiva; estimular a produção científica relativa à temática do núcleo, bem como a participação das mulheres e LGBTQI+ no campo da Ciência e na carreira acadêmica; acompanhar e propor ações para o cumprimento das legislações referentes às garantias de direito à vivência de identidades de gênero e sexualidade diversa.

Com propostas de práticas formativas e informativas, o NUGS tem como missão sensibilizar a comunidade do IFSP para a temática, além de contribuir na construção de uma cultura de respeito à diversidade e um espaço educacional inclusivo e plural.

## MULHERES NA CIÊNCIA

Suelen Fernandes de Barros



Durante a Semana da Consciência Negra e da Diversidade, do Campus Itaquaquecetuba, em 2018, ministrei uma palestra sobre mulheres nas ciências. Ao final da palestra um dos comentários frequentes foi: “Eu não sabia que existiam tantas mulheres físicas”. No início do ano letivo de 2020, primeira aula de física no primeiro ano do ensino médio, entro na sala e pergunto: “Quando eu falo de física, quais são os nomes que veem à cabeça de vocês?”, e, como resposta: “Newton, Einstein, Tesla”. Questionados se eles não iriam citar nomes de mulheres, um aluno levanta a mão e comenta: “se até agora alguém tivesse me contado de alguma mulher física eu falaria.” Conhecer a história das mulheres cientistas e dos obstáculos que elas enfrentaram é, ainda, uma das formas de se atrair não apenas mulheres à ciência, mas os alunos em geral

Em 2019 orientei um projeto de iniciação científica no campus Itaquaquecetuba. O objetivo do trabalho era realizar o levantamento da participação feminina nos cursos de ciências da natureza e matemática em alguns campus do IFSP, bem como analisar relatos de alunas desses cursos. Uma das dificuldades do projeto foi definir como seria feito o levantamento dos números. O Sistema Unificado de Administração Pública apresenta a opção “Estatísticas”, mas não foi possível extrair informações separadas por ano, curso e gênero. Estatísticas gerais dos cursos certamente trazem informações relevantes, contudo apresentá-las a partir de uma média, sem avaliar dentro de cada curso, gênero e raça é bastante arriscado, pois esconde especificidades de cada uma dessas divisões, e nos fazer entender que tudo anda bem, quando na verdade existem verdadeiros abismos entre elas.

Na discussão dos resultados, a comparação entre dois cursos classificados como difíceis trouxe um dos pontos relevantes, que foi enfatizado

nos eventos onde o trabalho foi apresentado. No curso de Licenciatura Física investigado, a porcentagem masculina foi bastante superior à feminina tanto entre os ingressantes quanto entre os egressos. Contudo, no curso de Licenciatura em Matemática, embora a porcentagem masculina continuasse maior, a discrepância entre ambas foi bem menor. Além disso, houve anos em que o número de mulheres ingressantes foi inferior ao de homens, mas o número de egressas foi superior. Portanto não se trata de uma questão de capacidades cognitivas. Um dos preconceitos basilares que permeia a sociedade é o de que mulheres tem menos capacidades e habilidades para áreas complexas. Essa crença desencoraja meninas a ingressarem nessas áreas, e, desmotiva aquelas que já entraram a concluírem os cursos.

Na análise das entrevistas, uma das alunas relata que nas atividades em grupo ela prefere que os meninos façam os experimentos por julgar que eles são mais capacitados. Alguma coisa aconteceu durante o processo de formação dessa estudante que a faz acreditar, mesmo sem comprovação científica, que inteligência e habilidades com experimentos são atributos masculinos. E essa crença chega a ser tão forte que a desencoraja de participar das atividades em sala de aula. Em outra fala uma aluna retoma o início desse relato, a falta de exemplos de mulheres de sucesso e de professoras nos cursos criam um sentimento de “não pertencer” e desestimulam a permanência. O primeiro passo para mudar essa realidade é tomar consciência desse fenômeno e reconhecer que é ele um problema, uma vez que diversidade, seja em qual área do conhecimento for, é essencial para a ciência e para qualquer atividade criativa e de inovação.

# GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

## IV Encontro da Diversidade

Dione Cabral, Eulália Nazaré Cardoso Machado e Rosa Gonçalves Oliveira



Entre os dias 18 e 22 de novembro o câmpus Araraquara realizou o IV Encontro da Diversidade, desenvolvendo ações ligadas às temáticas afro-brasileira e indígena, questões de gênero e sexualidade, necessidades educacionais específicas e avaliação da aprendizagem.

O ambiente acadêmico é espaço legítimo para a reflexão sobre a diversidade e a pluralidade cultural em que se constroem as sociedades. Cabe à escola o papel desafiador de contribuir para a formação do exercício da cidadania consciente, combater o preconceito e cultivar a integração cultural e o respeito mútuo que deve existir e permear as relações sociais. O termo “Encontro” ao invés de “Semana” da Diversidade foi adotado porque acreditamos que encontro denota uma perspectiva de integração, em que as diferenças (étnicas, raciais, de gênero, de credos, de classes, de habilidades, de culturas) têm a possibilidade de se tornarem potências, enriquecer o cotidiano e possibilitar a troca de conhecimentos e saberes. A ênfase da programação foi contemplar atividades culturais, entendendo que a Cultura é o próprio meio da expressão das diferentes identidades.

A abertura do evento, no dia 18 de novembro, foi feita por Rian dos Santos, aluno do 3º ano do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, com a apresentação da poesia “A lenda da prostituta Evelyn Roe” de Bertold Brecht. A seguir, Filipa Brunelli, graduada em Sociologia pela UNESP/FCLAR e gestora municipal de políticas públicas LGBT na Prefeitura Municipal de Araraquara ministrou a palestra “Gênero e Sexualidade, os desafios da não normatividade”. Encerrando o primeiro dia, o NAC – Núcleo de Artes Clássicas e Instituto Fábrica de Vencedor, que tem como base o trabalho coletivo, a produção colaborativa, a experiência do convívio, da construção conjunta, participativa e inclusiva, em Araraquara, presenteou o público com espetáculo de dança realizado por crianças e pré-adolescentes do projeto Pointé Cia de

Dança.

No dia 19 iniciamos com a fala de Grasiela Lima, doutora em Sociologia pela UNESP/FCLAR e atuante na ONG Fundação Araporã, com a palestra “Povos indígenas: perspectivas e desafios”, em que o universo indígena foi abordado, rompendo mitos e tabus. A fonoaudióloga Regiane Koba nos trouxe, no período da tarde, a questão da “Dislexia e Educação”, sobre as necessidades educacionais do aluno disléxico. Finalizando o dia 19, um bate papo com profissionais do voleibol intitulado “Voleibol: o esporte conquistando títulos e igualdade”, com a participação de Anderson, bicampeão olímpico, bicampeão mundial e técnico do vôlei Bauru/SESI, Balú, bicampeão paulista, campeão da liga nacional, campeão da taça de Portugal, técnico do projeto “Saque essa jogada”, e Tiffany, jogadora do vôlei Bauru/SESI, a primeira transexual a disputar uma partida oficial da superliga. Lições de vida e injeção de ânimo na luta para a realização dos sonhos. A atividade contou com a presença dos convidados professores do câmpus Matão, Liliana Ramos e Mauro Prato. O dia 21 começou com Aílson Vasconcelos da Cunha, professor do IFSP Câmpus Sertãozinho, licenciado em Física pela UNESP/Ilha Solteira e mestre em Educação para a Ciência pela UNESP/Bauru que nos falou sobre “Avaliação: uma ferramenta na aprendizagem” destacando o protagonismo do aluno, o papel do professor, o contexto das diferenças e a opção pelos instrumentos avaliativos e parâmetros para a avaliação. No período da tarde Eliane da Conceição Silva, doutora em Sociologia pela UNESP, pesquisadora do Laboratório de Política e Governo da FCLAR-Unesp e professora de Sociologia na Educação Básica da rede pública do Estado SP, apresentou à comunidade escolar a obra de “Carolina de Jesus e a violência social brasileira” descrita na sua obra. Isabela Lima, aluna do curso superior de Análise e Desenvolvimento de Sistema e performer, finalizou o dia com a

apresentação da performance “Ânima Solo”, com direção de Bira Simões. Utilizando uma máquina de costura e o jogo da amarelinha (em Moçambique, chama-se Avião ou Neca), como metáforas, e a música como ilustração, a dançarina e performer desenvolve sua dança, utilizando técnicas de interpretação teatral para relatar diversas formas de violência. O último dia, 22 de novembro, à tarde, contamos com a palestra “Desculpa, não ouvi – Discursos sobre empatia e diversidade surda”, ministrada pelos convidados Bianca Salles, doutoranda UFSCar, Ingridy Nazário, aluna do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus São Carlos, Everton Rovender e Abilene Amorim, intérprete da palestra. A atividade abordou conceitos sobre surdez, identidade, cultura surda e estratégias de convivência com a pessoa surda. Neste mesmo dia, foi ofertada a oficina de estamperia “Essa tribo é nossa” ministrada pela artista plástica, publicitária e educadora social das oficinas culturais municipais de artes Juty Oliveira. Encerrando o IV Encontro da Diversidade o grupo teatral Todos 9, grupo de teatro de ocupação dos espaços públicos de Araraquara, apresentou a peça “A linha”, projeto autoral da Cia Teatral Todos 9, o espetáculo é inspirado na obra Claro Enigma, de Carlos Drummond de Andrade, e em seu roteiro aborda temas como: abandono, preconceito racial, empoderamento feminino, submissão, depressão, suicídio e loucura. Durante a programação foi também apresentada a exposição de fotografias “O Povo Verdadeiro”, de Tadeu Oliveira, trazendo imagens sobre a cultura do povo xavante. O encontro foi organizado por servidoras da Coordenadoria Sociopedagógica do câmpus que também são membras dos núcleos NEABI, NUGS e NAPNE e em parceria com a SNCT e EFC (equipe de formação continuada do câmpus). E contou com a colaboração dos servidores, Mariana Peres de Moraes, Nestor Reinoldo Müller, Renata Maria Porto Vanni, Alexandre Machado Ferraz e Henrique Buzeto Galati.

## DESFILE DE DRAGS

Luciano Paz de Lira

Aqui no Câmpus Jacareí, nos apropriamos do conceito de interseccionalidade de Davis (2016), para adotar uma abordagem capaz de “perturbar certezas, ensinar a crítica e a autocrítica (um dos legados mais significativos do feminismo), para desalojar hierarquias” (LOURO, 2014, p. 128). Desse modo, no dia 29 de novembro de 2019, o NUGS, em parceria com o Comitê Marielle Franco, do Câmpus Jacareí, promoveu um incrível “Desfile de Drags”. Compondo a programação do “Novembro Preto”, buscando promover, de modo lúdico e recreativo, a reflexão sobre diferentes modos de perceber e viver no mundo contemporâneo, bem como sobre a necessidade de tolerância e de combater as diferentes formas de oprimir e violentar as pessoas.

O desfile contou com performances artísticas e falas emocionadas em defesa dos Direitos Humanos e da dignidade das pessoas.



## DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Luciano Paz de Lira



É crucial que resistamos às forças a censura que prejudicam a possibilidade de viver em uma democracia igualmente comprometida com a liberdade e a igualdade.

(Judith Butler)

No dia 03 de março de 2020, por ocasião do Dia Internacional da Mulher que é Comemorado no dia 08 de março, o NUGS, em parceria com o Comitê Marielle Franco, do IFSP/Câmpus Jacareí, promoveu um ciclo de palestras com o tema “Feminismo e as Novas Bandeiras LGBTQIAP+: Conhecer para Respeitar”. Tivemos como convidada

especial a palestrante Sra. Melissa Müller, mulher trans, professora da rede estadual de São Paulo, com larga experiência na área de diversidade sexual, gênero e sexo seguro. Atualmente a professora Melissa atua como voluntária com a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST/AIDS) em Caraguatatuba.

Com grande participação de estudantes e servidores(as) e professora foi intensamente aplaudida e manifestou a sua disponibilidade para futuras palestras e rodas de conversa.

# ARTE - TRANSGRESSÃO COMO POLÍTICA DE RESISTÊNCIA!

Tadeu Mourão. Professor de Artes Visuais do IFSP, campus Itaquaquecetuba, membro do NUGS e NEABI



Pintura de Banksy em agradecimento à homenagem que teve de uma escola primária na Grã Bretanha. Foto: Dylan Martinez / REUTERS

Em tempos de crescimento do conservadorismo-neoliberal no Brasil, onde se torna prática corrente e cada vez mais institucionalizada negar conhecimento científico por meio de achismos e fundamentalismo religioso, é necessário que reconheçamos a importância do papel político da educação! Não é à toa que esse movimento reacionário escolhe Paulo Freire como inimigo. Para aqueles que prosperam com a proliferação da ignorância e da desinformação, uma educação libertadora, que conscientize a massa historicamente oprimida por meio de instrumentos de crítica à cultura e às estruturas sociais é sim algo deveras ameaçador. O descalabro ético, político e social nos avizinha e dá aval para a disseminação de discursos misóginos, racistas e LGBTfóbicos que se sentem à vontade em um contexto de negação do conhecimento e do humanismo. Frente a isso, a educação precisa se apresentar como espaço de resistência, luta e transgressão!

Em 2016 após retribuir uma homenagem feita a ele por uma escola primária, o artista Banksy realizou um grafite e deixou um bilhete aos alunos. Na pintura há uma criança brincando com um pneu. Este, contudo, está em chamas. O artista coloca a criança juntamente a um símbolo vinculado às lutas do proletariado e das comunidades carentes do mundo! O pneu que se queima no gesto de rebeldia, insurgência, desobediência civil. No bilhete que deixou aos alunos disse: “é sempre mais fácil pedir desculpas por algo, do que pedir permissão”! Aqui, de

algum modo, a imagem e o recado de Banksy se alinham ao pensamento de Bell Hooks (2017) sobre a necessidade premente de uma educação que ensine a transgredir, visto que vivemos em uma sociedade estrutura sobre injustiças seculares e que visa a manutenção de absurdos históricos em prol do bem hegemônico. Em uma sociedade patriarcal e individualista, qualquer gesto ou ação educativa que proponha pensamentos e ações que nos religuem a uma epistemologia matrial, comunitária e afetual-naturalista (FERREIRA-SANTOS, 2011) se torna um gesto de rebeldia. Depois de aulas sobre vídeo-performance, em que discutimos o trabalho da artista Marina Abramovic, especialmente tocados por um vídeo chamado “The Onion”, propus aos alunos uma avaliação por meio de criação. Como na obra da artista, o trabalho a ser realizado nasceria a partir de reflexões sobre incômodos (pessoais ou coletivos) e problemas que pudessem ser verificados nas práticas culturais contemporâneas. Como resposta à proposição-avaliação, minhas alunas do terceiro ano do ensino médio, Roberta Gomes Cardoso e Sara Santiago, conseguiram sintetizar por meio de seu gesto criador uma reflexão artística sobre alteridade, afeto, percursos, cotidiano e invisibilidade. Sem nenhuma direção ou aconselhamento meu, mas a partir de seus olhares sobre o feminino, o embotamento afetivo de um ocidente individualista e a rotina do povo assalariado das periferias, nasce um trabalho sensível e delicado, ao mesmo tempo que altamente transgressivo.

A performance acontece a partir da ação de duas jovens negras, as alunas. O vídeo inicia com sua saída da escola. Logo depois, miram o horizonte cercadas pela natureza de sua comunidade. Caminham juntas, demonstram afeto em público e, ao tomar emprestado o gesto do trabalhador informal e/ou pedinte que comumente distribui papéis para as pessoas no trem, ao invés de divulgarem algum produto ou pedirem algo, elas doam. Os papéis que distribuem têm mensagens de afeto e autoestima!

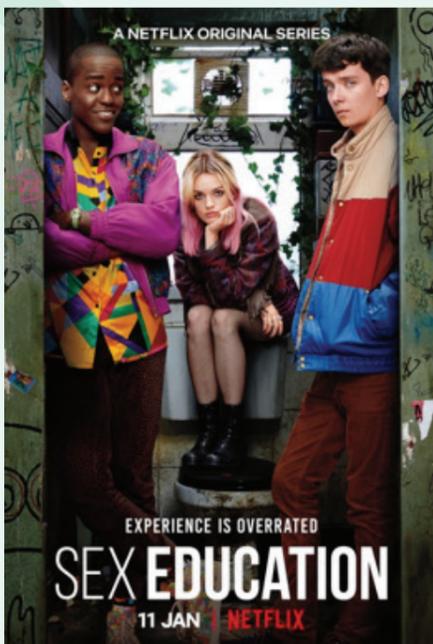
Pessoas cansadas, indo ou voltando de seus trabalhos e compromissos são afagadas em um gesto de carinho gratuito e empático! São tantas as violências implícitas e explícitas que os sujeitos das periferias enfrentam todos os dias, do descaso do poder público à rotina extenuante de trabalho. Mas, de repente, o afeto! Que nesse contexto surge como quebra do cotidiano, como golpe silencioso de resistência, transgressão de uma sociedade em que o bem estar coletivo é constantemente subtraído pelo conforto do indivíduo. Em tempos de necropolíticas, afeto é resistência. Em tempos em que a estabilidade econômica é mais importante do que vidas humanas, empatia também é pneu em chamas. O vídeo-performance produzido pelas alunas foi ganhador do prêmio do Primeiro Festival de Curtas-Metragem de Cidadania e Direitos Humanos do IFSP. Está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Znh5VkY10BI> e tem o título de Femme Flaneur.

# ARTE - TRANSGRESSÃO COMO POLÍTICA DE RESISTÊNCIA!



Exemplos de papéis desenhados pelas alunas que foram distribuídos no trem em sua performance

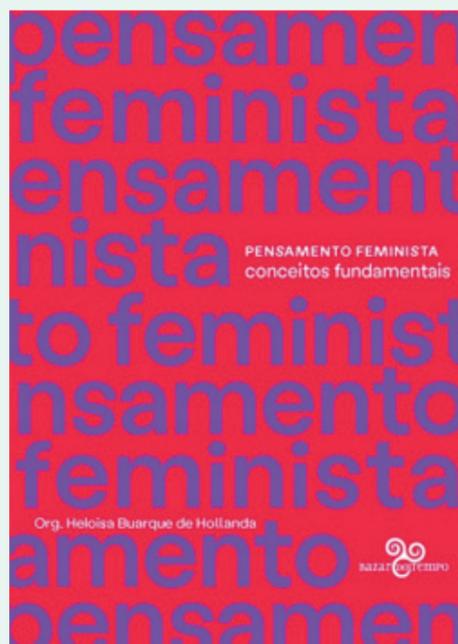
## NUGS INDICA



### “Sex Education”

Gênero: Comédia dramática  
Direção: Laurie Nunn

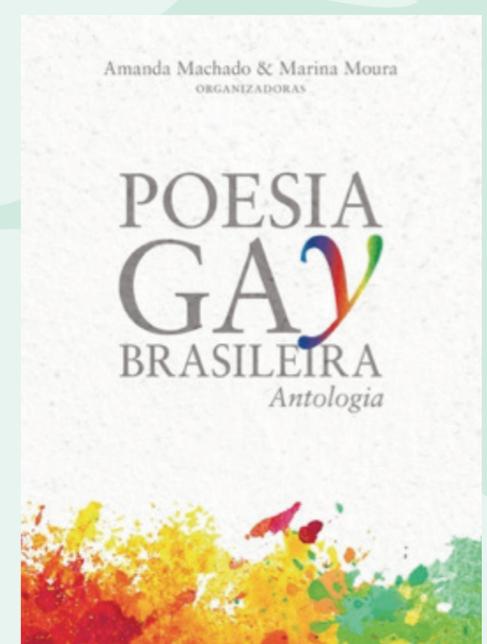
Sex Education é uma série de TV, que aborda temas de gênero e sexualidade tendo como cenário uma escola de Ensino Médio, e o fio narrativo é desenvolvido a partir dos conflitos vividos por adolescentes.



### “Pensamento feminista: conceitos fundamentais”

(Bazar do Tempo, 2019)  
Org. Heloísa Buarque de Hollanda

Neste livro, Hollanda reúne alguns dos textos mais representativos do pensamento feminista. Esta antologia conta com a contribuição de teóricas, pesquisadoras e ativistas como Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Maria Lugones, Nancy Fraser, Sandra Harding, Judith Butler, Gloria Andalzúa, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro dentre outras.



### “Poesia Gay Brasileira”

(MACHADO, 2017)

Org. Amanda Machado e Marina Moura

Poesia Gay Brasileira é uma antologia poética que reúne textos, do século XIX até a contemporaneidade, com a temática LGBTQI+. Dos clássicos, como Junqueira Freire e Mário Faustino, aos irreverentes Hilda Hilst e Glauco Mattoso, a obra traz à cena da poesia brasileira mais de “quatro dezenas de autores a afrontar de cabeça erguida o obscurantismo que nos habita”.

# NUGS ACONTECE

## Ensino, Pesquisa e Extensão

No segundo semestre de 2019, a parceria entre o NUGS, o NEABI e a PRE brindou nossa comunidade com o “Programa institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão em Direitos humanos, relações étnico-raciais e gênero”. O programa selecionou oito projetos com estudantes bolsistas. Após o empenho dos coordenadores dos projetos e por meio da ação do NUGS e do NEABI, o programa foi prorrogado para o primeiro semestre de 2020. Em breve, os núcleos publicarão um dossiê dos projetos desenvolvidos.



Participação do NUGS nos debates sobre Currículo de Referência. Fevereiro/2020



Participação do NUGS nos debates sobre Currículo de Referência. Fevereiro/2020



Reunião de Estudos sobre Gênero e Sexualidade, durante a quarentena. Março/2020



NUGS no I Encontro de Estudantes do Programa Mulheres do IFSP. Campus Araraquara. Oficina “Literatura e escriturências”. Dezembro/2019



NUGS no I Encontro de Mulheres do SINASEFE-SP. Março/2020.